

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do PAC Saneamento Básico e Urbanização no estado de Mato Grosso

Cuiabá-MT, 31 de julho de 2007

Meus queridos companheiros e companheiras do estado de Mato Grosso,

Meu querido companheiro Blairo Maggi, governador de Mato Grosso e sua esposa Terezinha Maggi, eu vi agora que tem um cabo eleitoral ali que vai elegê-la para o que ela quiser,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil e coordenadora do PAC,

Meu querido companheiro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu caro Silval Barbosa, vice-governador de Mato Grosso,

Deputado Sérgio Ricardo, presidente da Assembléia Legislativa de Mato Grosso,

Desembargador Paulo Lessa, presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso,

Senadores Jayme Campos, Jonas Pinheiro e nossa Serys, querida companheira do PT,

Meus caros deputados Carlos Abicalil, Carlos Bezerra, Eliene Lima, Homero Pereira, Walter Pereira,

Meu caro Wilson Santos, prefeito de Cuiabá, e sua senhora Adriana Bussiki,

Meus caros companheiros deputados estaduais, secretários de estado, secretários municipais,

Meu caro Rodrigo Figueiredo, secretário-executivo do Ministério das Cidades,

Senhores prefeitos Adilton Sachetti, de Rondonópolis; Murilo Domingos, de Várzea Grande,

Quero cumprimentar também os demais prefeitos e prefeitas de outras cidades, que estão aqui presentes,

Quero cumprimentar todos os nossos companheiros vereadores e os presidentes das Câmaras de Vereadores de Cuiabá, Rondonópolis e Várzea Grande,

Quero cumprimentar o general-de-brigada Teófilo, comandante da 13ª Brigada,

Quero cumprimentar o Moacyr do Espírito Santo, superintendente da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar o Paulo Prado, procurador-geral de Justiça de Mato Grosso,

Quero cumprimentar a Carol Rotini, defensora pública-geral de Mato Grosso,

Quero cumprimentar o Mateus Magalhães, presidente da União Varzeagrandense de Associações de Bairro,

Quero cumprimentar o Édio Martins, presidente da União Cuiabana de Associações de Moradores de Bairros,

Quero cumprimentar o Valmir Cardoso, presidente da União Coxipoense das Associações de Bairros,

Quero cumprimentar o Walter Arruda, presidente da Federação Matogrossense das Associações de Bairros,

Quero cumprimentar meus companheiros da imprensa, companheiras,
Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, um aviso ao pessoal que representa as comunidades, as organizações de bairro aqui no estado. Tem uma determinação minha para que este 1 bilhão do FNHIS, que vai ser discutido agora, que nós vamos entrar em contato com as organizações nacionais dos movimentos de bairros para que a gente possa definir esse 1 bilhão agora em setembro. Também é importante lembrar que tem mais 2 bilhões para o próximo ano e nós também iremos discutir com vocês.

Habitualmente, nessa caravana e nessas viagens do PAC, eu tenho falado só do PAC e não tenho procurado falar de outros assuntos, eu tenho permitido me controlar para falar apenas daquilo que é a razão pela qual eu vim à cidade hoje.

O que me dá muito prazer é que nós, do governo federal, seja através

do presidente da República, através da ministra da Casa Civil, através do ministro das Cidades ou de qualquer outro ministro, de qualquer instituição do governo Federal, nós nunca perguntamos a que partido político pertence o prefeito de uma cidade que vai receber o benefício. Nós não queremos saber para que time de futebol ele torce – obviamente que se fosse para o Corinthians seria bom – e não queremos saber a religião do prefeito. O que nós queremos saber é se há um problema de saneamento naquela cidade e, portanto, se tem um problema, nós queremos olhar para a cara do povo daquela cidade e não para a filiação partidária de quem quer que seja.

A segunda coisa que nós fizemos, e é importante os prefeitos compreenderem isso, eu já conversei com o Blairo... O prefeito de Cuiabá tem razão: habitualmente, a classe política brasileira, independentemente da sua origem partidária, não tinha o hábito, historicamente, de fazer investimento em saneamento básico, até porque dificilmente um rico vai morar perto de um córrego. Dificilmente o rico compra um terreno num lugar que não tem água e não tem esgoto. Normalmente, quando nós vamos fazendo benefícios nas cidades, os impostos vão vindo e os pobres vão correndo. O rico cresce para cima, nos grandes apartamentos, e os pobres vão se espalhando pela periferia dos grandes centros. Então, qualquer melhoramento que acontece, é preciso que ele aconteça e a gente preveja que o pobre seja um beneficiário daquele melhoramento, porque senão ele vai sendo espremido para a periferia, como se não tivesse direito de ter acesso à riqueza produzida pelo País, pelo estado e pela cidade.

Aliás, eu digo sempre, e não digo isso com preconceito, eu digo isso de alma: só tem um instante na vida em que uma parte da elite brasileira que faz política acha um pobre importante, é na época da eleição. Na época da eleição, se um político tiver que escolher entre jantar com os banqueiros e jantar com os favelados, ele vai jantar com os favelados. Agora, depois das eleições, que o favelado não se meta a besta de aparecer para cobrar alguma coisa, porque ele passa a ser riscado do calendário de prioridades da maioria dos políticos brasileiros.

Bem, eu falo isso porque quando eu tinha 20 anos de idade, eu morava em São Paulo, em um bairro pobre chamado Vila Carioca, perto de onde Dom Pedro proclamou a Independência, perto do bairro do Ipiranga, do Museu do

Ipiranga, e foi um lugar onde se implantou uma das primeiras indústrias automobilísticas em São Paulo, a Vemag. Eu morava ali, em uma rua chamada Auriverde, e bastava garoar que ela já enchia d'água, não precisava nem chover. Pois bem, depois eu me mudei para a Ponte Preta, na divisa com São Caetano, mudei em junho, a casa era nova, bonita, cheirava a tinta fresca. Mal sabia eu e, quando vieram as chuvas de janeiro, eu peguei três enchentes até de um metro e meio de água dentro de casa. Depois eu me mudei para uma outra vila chamada São José, em São Caetano, próxima à Ponte Preta, que era uma vila alta, mas encheu tanto de água a Ponte Preta que transbordou o rio e, no primeiro ano em que eu estava na Vila São José, entrou um metro e meio de água dentro da minha casa.

Aquilo que eu, quando tinha 20 anos, achava que era azar, achava que era uma desgraça, hoje, aos 61 anos de idade, portanto 40 anos depois, eu dou graças a Deus por ter acontecido aquilo comigo na época, porque hoje eu estou na Presidência e sei o que é, depois da lama, depois da chuva, ir limpar lama e ver aquela sanguessuga preta de 20 centímetros grudada nas canelas da gente, e a gente ter que faltar um dia, Blairo, não ir trabalhar, para limpar aquilo, tirar um metro e meio de lama de dentro de casa. Às vezes, era obrigado a tomar a pior cachaça que tinha em São Paulo, só prestava para fazer caipirinha, para você poder agüentar o fedor e o cheiro, e ainda jogar nas pernas para a sanguessuga – que não gostava de beber – não vir nas tuas pernas e você limpava tudo. Às 3 horas da tarde, você estava com o quintal limpo e aí, às 5 horas começava outra chuva e começava o martírio todo outra vez.

Tudo isso, na época eu xingava muito, muitas vezes até duvidava da existência de Deus por fazer aquilo com a gente, e hoje eu dou graças a Deus que tenha acontecido porque aquilo me permitiu, chegando à Presidência da República, saber que ainda tem gente que, 40 anos depois, vive pior do que eu vivia há 40 anos. E por que pior? Porque a periferia deste País empobreceu. Há 40 anos, São Paulo tinha duas favelas, hoje tem setecentas. Tinha duas favelas: a favela do Vergueiro, que era famosa, e a favela da Vila Prudente, que era famosa. A do Vergueiro diminuiu, acabou, a da Vila Prudente ainda existe e surgiram 700 favelas em São Paulo.

Bem, foi com base nessa consciência que eu adquiri, por conta dessas coisas que aconteceram na minha adolescência, que nós resolvemos construir esse Programa. Esse Programa vai cuidar do cerne do problema neste País. É verdade que, para o político cretino, uma obra acima da terra pode ser melhor, mas é verdade também que, para um político ser humano, o que importa não é visualizar um prédio, uma ponte. O que importa é a gente visualizar o ser humano e poder notar que uma criança vai viver melhor depois que a gente fizer a obra chegar à vila dela. Esse é o troféu, Blairo, que você, os prefeitos, os vereadores, os deputados e eu, como presidente da República, vamos poder levantar daqui a alguns anos. Quando a gente passar na periferia que vai receber essas obras, vai ver uma criança de 5 ou 6 anos brincando, e a gente vai dizer “graças a Deus, essa criança não pegou uma verminose, essa criança não está contaminada por nenhuma doença adquirida por conta da falta de saneamento básico, essa criança não está pisando em esgoto a céu aberto, essa criança está bebendo água potável”. Água potável que, muitas vezes, não temos o direito de beber ainda hoje no Brasil e, certamente, os mais velhos se lembram o que é pegar água em cacimba para beber e a cor da água que chega em casa. Rico ainda tem filtro, e pobre tem um pano de saco para coar e ficar apenas as coisas mais grossas, deixar assentar para tomar aquela água.

Outro dia eu disse lá no Nordeste que quando eu tinha 7 anos de idade, eu tinha as canelas da grossura da canela de um sabiá e o corpo do tamanho do corpo de um gavião, porque era mais bicha, mais lombriga do que qualquer coisa. Ora, você come mal, não tem água tratada, é doença pura, daí o alto índice de mortalidade infantil por doenças causadas por falta de saneamento básico. Esse é um dado concreto.

Então, qual é o sucesso que esse Programa tem? É a parceria entre prefeitos, governadores e o governo federal. Porque antes nós tínhamos uma coisa, no Tesouro Nacional, que era chamada “fila burra”, ou seja, todos os prefeitos entravam com projetos pedindo dinheiro para saneamento básico, o Tesouro analisava o projeto e entendia que o prefeito de Cuiabá não tinha direito, porque não tinha projeto executivo, porque não tinha capacidade de endividamento, porque tinha alguma coisa irregular. Mas o prefeito de Várzea Grande tinha direito, ele tinha apresentado tudo certinho, tudo maravilhoso, tinha capacidade de financiamento, tinha licença prévia, tinha projeto executivo,

mas o dele também não saía. Por quê? Porque, espertamente, o Tesouro Nacional criou essa coisa que nós apelidamos de “fila burra”, que era o seguinte: como o governo anunciava que disponibilizaria 4 bilhões para saneamento básico, mas não queria liberar o dinheiro porque queria fazer superávit primário, o que ele fazia? Ele deixava o prefeito, que não tinha direito, na fila, ao invés de dizer: “Prefeito de Cuiabá, você não tem direito, cai fora, prepara o projeto e volta outra vez”. Não. Ele deixava o prefeito, que não tinha direito, na fila, para evitar que o segundo, que tivesse direito, pegasse o direito. E assim, eu me lembro que, no último ano do presidente Fernando Henrique Cardoso, isso era muito visível. Eles anunciavam uma verba de 4 e poucos bilhões e, no final do ano, só 2 bilhões de reais haviam sido liberados, só 272 milhões de reais. E não era culpa do presidente, não. Aquilo era burocracia do Tesouro para cumprir as metas do superávit primário.

Este programa, primeiro, é o programa que eu considero mais importante de infra-estrutura feito nos últimos 30 anos neste País. Este programa envolve 504 bilhões de reais, dos quais 40 bilhões de reais só para saneamento básico e urbanização de favelas, R\$106 bilhões para habitação e, depois, só da Petrobras, são 228 bilhões de reais que nós vamos investir nestes próximos quatro anos. É o programa mais vigoroso já feito neste País. Agora, para ele dar certo, é preciso que funcione. Qual é a minha preocupação, Prefeito? É que estamos aqui, assinando tudo, e depois falta documento, não sai o dinheiro, e daqui a pouco está um falando mal do outro aí pelas ruas de Cuiabá, pelas ruas do Brasil. Nós, então, resolvemos fazer uma coisa inédita. Ao invés do Ministério das Cidades decidir qual a cidade que iria receber o dinheiro – e aí poderia prevalecer também os interesses políticos do governo federal, do ministro, poderia prevalecer a pressão que os deputados ou senadores poderiam fazer em cima deles, tudo isso poderia acontecer – o que nós fizemos? Chamamos o governador do estado e chamamos os prefeitos das cidades que estavam incluídas na primeira fase do PAC para que juntos a gente escolhesse quais seriam as áreas que deveríamos atacar primeiro. Eu vou dar um exemplo: quando nós fomos fazer no Rio de Janeiro, são quase 4 bilhões de reais, só o Complexo do Alemão, que a gente vê todos os dias na televisão, são quase R\$400 milhões, para a gente poder transformar aquilo numa parte da cidade do Rio de Janeiro. No Complexo de Manguinhos,

chamado Faixa de Gaza, são mais 300 mil habitantes, e nós queremos cuidar com muito carinho daquilo lá. Portanto, nós escolhemos os projetos, fizemos com os governadores e com os prefeitos, e vejam que engraçado: o prefeito do Rio de Janeiro é do PFL, o prefeito de São Paulo é do PFL, o governador de São Paulo é do PSBD, o governador de Minas Gerais é do PSDB, e no programa de São Paulo são quase 8 bilhões de reais, que eu poderia não fazer: “ah, ele é de outro partido político, por que eu vou facilitar a vida dele? Eu vou deixar ele ser xingado na época das eleições.” Agora, quem chega à Presidência da República, se não chegar assim, não consegue administrar, não pode ser mesquinho de achar que tem amigo e inimigo, quando ele é presidente. É como se fosse uma mãe: ela pode ter 10 filhos, pode ter um que é o xodó dela, mas tem que cuidar dos 10 em igualdade de condições, não pode preterir um pelo outro. Esse é o desafio que está colocado.

Bem, agora, qual é o meu sonho? Nós vamos, na sexta-feira, fechar praticamente o PAC. Vamos chamar todos os estados, porque eu tenho que viajar para o México domingo e eu não posso, por conta das minhas viagens, ficar atrasando o PAC. Então, eu pedi para a Dilma e para o Márcio fazerem, na sexta-feira, e ir fazendo mesmo na minha ausência, porque quanto mais rápido a gente disponibilizar o dinheiro, mais rápido os prefeitos e os governadores farão as licitações e mais rápido esse dinheiro começará a gerar melhoria na qualidade de vida das pessoas, e também começam a gerar uma coisa importante, que é o emprego, na cidade que vai receber o investimento.

Então, com essa combinação, eu trabalho com a idéia de que até fevereiro a gente já tenha todo o dinheiro anunciado até agora produzindo seus efeitos. Portanto, é importante fazer a licitação e é importante começar a fazer a obra o mais rápido possível. Nós não temos tempo a esperar. Quanto mais dinheiro vocês utilizarem, mais fácil fica da gente arrumar mais dinheiro para que vocês possam fazer mais obras.

Se não for assim, o que vai acontecer? Quando o prefeito de Cuiabá, o prefeito de Várzea Grande, o prefeito de Rondonópolis, o prefeito de Sinop, ou qualquer um for atrás de dinheiro lá no Márcio, o Márcio vai perguntar como estão aqueles projetos que já foram aprovados. “Ah, Ministro, aquilo está em andamento, aquilo deu um problema.” Simplesmente não vai ter mais dinheiro. Então, eu quero dizer para vocês que a agilidade de vocês é condição *sine qua*

non para a gente ir dobrando, cada vez mais, os investimentos em saneamento básico, tratamento de água e coleta de esgoto. Esse é um compromisso de que eu não abro mão, até porque eu sei o que é levantar à meia-noite com fezes passando perto da cama, com rato nadando em volta da cama, com baratas. Eu sei porque vivi. E, portanto, isso que nós estamos fazendo é um resgate da cidadania da parte mais pobre da população brasileira. E eu sei que tem gente que fica nervosa, tem gente que não gosta que a gente faça isso. “Que história, vem prefeito, vem governador, vem presidente querendo olhar para o pobre. Não tem que olhar para pobre não, tem que fazer uma praça bonita onde mora a parte mais rica da cidade.” É assim que eles pensam. Mas nós temos compromisso com a nossa consciência, somos cristãos e precisamos saber que, independentemente da pessoa ter nascido pobre ou rica, ela tem o direito de ser tratada em igualdade de condições. E nesse momento nós temos que cuidar mais dos pobres que ficaram para trás. Imaginem se tivesse um fusquinha correndo na Fórmula 1. Você não ia ficar mostrando os carros que estão na frente, ia olhar os coitadinhos que estavam atrás comendo fumaça e poeira, que é isso o que acontece com vocês.

Além disso, nós temos mais duas coisas importantes que a Dilma já falou e vou reiterar. O PAC/Funasa, viu Blairo, eu estava dizendo para a Dilma que, outra vez, a gente vai ter que chamar o governador e os prefeitos para fazer o levantamento das cidades, porque o PAC/Funasa inclui cidades com até 50 mil habitantes, mas nós queremos priorizar, aqui e na região Norte do País, as cidades que tiverem maior índice de malária. Tem que ter a prioridade do governador, do presidente da República e dos prefeitos. O Prefeito estava me dizendo que o pai dele pegou 20 malárias, pegou 10, ô rapaz forte, eu não peguei nenhuma e não quero pegar. Então, eu quero evitar que o teu filho pegue a malária que você já pegou. Vamos trabalhar para isso.

E na região Nordeste nós vamos escolher as cidades que têm maior índice de Doença de Chagas. Vocês sabem que o bicho barbeiro se esconde nas locas das casas que não têm reboco. À noite ele vai, solta a fezezinha no braço das pessoas, as pessoas ficam esfregando, aí pronto, o coração começa a inchar, se inchasse de paixão era bom, mas inchar de doença não nos interessa.

Então, o PAC/Funasa vai ser isso, e nós queremos repetir com os

governadores e com os prefeitos para que a gente não seja vítima... O ano que vem tem eleições e se a gente não tomar cuidado, a pressão para liberar o dinheiro para tal cidade é tanta que, às vezes, a gente pode deixar uma que tem problemas de doenças sem o dinheiro e uma que não tem o problema receber o dinheiro. Então, eu penso que, outra vez, o pacto entre os entes federativos é extremamente importante.

E a questão do projeto que foi aprovado por uma iniciativa do Movimento Popular Brasileiro, foi o primeiro projeto de lei de iniciativa popular, que é o FNHIS – é isso, Dilma? – que é o dinheiro para cuidar das casas de quem não pode pagar, aquele que não pode pagar nada. Esse é um programa que nós queremos decidir junto com a comunidade organizada neste País, para que a gente possa fazer justiça a quem brigou tanto, e demorou 13 anos para o Congresso aprovar o projeto de lei de iniciativa popular.

Mais ainda, Blairo, nós vamos voltar aqui, porque eu vou viajar para o México no domingo, mas a Dilma e os companheiros do Ministério dos Transportes vão ficar trabalhando, agora, no PAC/Transporte, ou seja, vão ver todos os problemas que tem no PAC/Transporte, porque ele envolve portos, aeroportos, estradas e ferrovias. Então, tem um monte de dinheiro nessa área, a Dilma vai sentar com o Ministro dos Transportes... é uma pena, Pagu, que você não possa estar lá ainda, vamos ver se o Senado, voltando a trabalhar amanhã, pode apreciar o teu nome e você assumir o DNIT. Nós, então, vamos fazer isso, e depois vamos lançar um PAC da Saúde, depois vamos lançar um PAC da Educação, da Segurança Pública. Ontem, eu participei de uma reunião extraordinária que – não tenho dúvida nenhuma, meus caros prefeitos, deputados, senadores e governadores – quando a gente anunciar o que está sendo elaborado de programas sociais para este País, a gente vai estar anunciando a maior obra de programas sociais que já foi feita neste País, sobretudo olhando para os adolescentes de 17 a 24 anos de idade, uma população que hoje, alguns responsáveis por eles estarem na miséria, querem diminuir o tempo para que sejam condenados à prisão. E nós queremos dar a esses jovens uma chance de virar cidadãos e conquistar sua cidadania.

Então, vai ter uma série de programas e, aí, Prefeito, explica o descontentamento de algumas pessoas. Se um dia vocês chegarem à Presidência da República, vão perceber que chegar à Presidência da

República é uma coisa tão nobre e tão importante que a gente não pode ficar pequeno na hora em que tem que tomar a decisão. Eu, por exemplo, estou fazendo este ato em lugar fechado, porque é um ato institucional, é um ato que envolve dinheiro público, que envolve prefeito, envolve deputado. Eu não estou fazendo comício. Mas, se alguns quiserem brincar com a democracia, eles sabem que ninguém neste País sabe colocar mais gente nas ruas do que eu. Eles sabem. Portanto, se alguém acha que, com estupidez, vai atrapalhar que a gente faça neste País o que precisa ser feito, pode tirar o cavalo da chuva, porque não conheço um deles que tenha uma biografia que lhe permita sequer falar em democracia neste País, e eu conheço muitos deles.

De qualquer forma, eu sei, Blairo, que isso incomoda muita gente. Imagine o seguinte: eu, um homem que tem como formação máxima na vida um diploma primário e um curso de torneiro mecânico, quando terminar o meu mandato, em 2010, vou contar duas coisas para vocês. Primeiro, nós vamos passar para a história como o mandato presidencial que mais fez universidades federais neste País. Segundo, em 97 anos, neste País, fizeram 140 escolas técnicas e, em 8 anos, nós vamos fazer 160, portanto, isso deve incomodar muita gente que acha que é a quantidade de anos que passou na escola que lhe dá inteligência para conhecer os problemas do povo. Inteligência é uma coisa muito diferente do conhecimento que a gente tem em função da nossa passagem pelas escolas.

Uma terceira coisa importante, Blairo, nós estamos falando aqui, só para você ter idéia, de 123 anos em que se construiu a primeira linha de transmissão neste País. Nós, em quatro anos, construímos 25% de tudo o que foi construído em 123 anos. Isso, portanto, deve incomodar. Eu, às vezes, acho que a política tem um lado pequeno, tem um lado mesquinho, que é o seguinte, uma comparação chula: um casal se separa, depois como é que fica? A mulher fica torcendo para o marido não arrumar uma melhor do que ela, e o marido fica torcendo para ela arrumar um marido pior do que ele. É o prazer pela desgraça quando, na verdade, eles deveriam torcer para que ambos continuassem felizes e arrumassem coisa melhor, até porque, se o “ex” fosse bom, não tinha separação. Não é isso? Na política é a mesma coisa. Quem perde, fica em casa acendendo vela, cabeça de galo, cabeça de urubu, fazendo coisas para que não dê certo. Mas isso é de uma imbecilidade total,

isso chega a ser uma coisa quase insana, porque se não desse certo e quem pagasse fosse o prefeito, fosse o Blairo ou o Lula, não teria problema nenhum. Agora, se não der certo, vai sobrar nas costas de quem? Vai sobrar nas costas do povo e da parte mais pobre da população.

Então, nós precisamos pensar sempre o seguinte: tem eleição? Tem. Durante a eleição, eu acho um exagero a quantidade de mesquinhaaria que se fala numa campanha, já acho uma mesquinhaaria entrar alguém dentro da casa da pessoa pela televisão e baixar o nível do jeito que eles baixam. Pois bem, vamos supor que no processo eleitoral seja normal. Você deve ter xingado o teu adversário, ele deve ter te xingado. Você vê que eu fui quase que um *gentleman* na disputa com o meu adversário. Ele, que era um *gentleman*, virou quase uma coisa louca na televisão, bravo, nervoso. Eu acho que, terminadas as eleições, é preciso a gente dar um tempo para o País, é preciso que o País tenha um tempo de governabilidade. Vai ter disputa para prefeito agora, daqui a um ano começa a guerra, todo mundo xinga todo mundo. Acabaram as eleições, todos nós precisamos torcer para que o eleito consiga fazer alguma coisa para melhorar. Como é que eu posso ficar torcendo para não ir asfalto na casa da mulher, para não ter escola? O que eu ganho com isso? Porque eu já tive acesso? Eu não posso ser mesquinho a esse ponto.

Então, eu queria dizer a vocês que nós vamos continuar a nossa trajetória. Eu tenho um compromisso, tenho data definida para deixar o mandato, tenho consciência do que nós queremos fazer e vamos fazer sem nenhuma preocupação. Eu tenho relações com todo mundo, nunca discriminei ninguém, todo mundo sabe a relação que eu tenho com o PSDB na maioria dos estados, sou amigo de muita gente, sou amigo de muita gente do PFL, sou amigo de muita gente de outros partidos políticos. Eu não consigo misturar a minha relação pessoal com a questão partidária. Minha amizade pessoal é uma coisa, minha questão partidária é outra, minha relação com os adversários é outra. Mas tem gente que não pensa assim. Essa gente que não pensa assim fez a Marcha com Deus pela Liberdade em 1964, que resultou no golpe militar; essa gente que não pensa assim levou Getúlio Vargas ao suicídio; essa gente que não pensa assim levou o João Goulart a renunciar; essa gente que não pensa assim ficou contente com 23 anos de regime militar e está incomodada com a democracia. Porque a democracia pressupõe o pobre ter direito;

pressupõe o pobre ter Bolsa Família; pressupõe fazer a reforma agrária, e ainda estamos em dívida com os trabalhadores e precisamos fazer mais; pressupõe a gente cuidar para que o pobre da periferia tenha possibilidade de chegar à universidade. Porque senão, para que vale governar? Senão, não vale a pena governar.

Então, eu quero terminar aqui, Blairo, dizendo o seguinte: meu filho, primeiro eu vou aceitar o convite que você me fez para uma boa pescaria. Eu vou tirar a minha carteirinha do Ibama, para não ser um pescador clandestino, e vou aceitar. Mas voltarei aqui várias vezes ainda, Blairo, para ver a questão elétrica, para ver a questão da rodovia e dizer para as pessoas que não tentem achar que, vendendo notinhas para os jornais, vai ter uma manifestação contra o presidente em tal lugar, e o presidente vai deixar de ir. Este presidente tem tanto medo que, em 1975, quando diziam que a porta da Volkswagen estava cheia de militares para não nos deixar fazer assembleia, eu levantava às 4h da manhã para ir fazer assembleia. Quando diziam que era proibido fazer greve, eu ia fazer greve. Portanto, se pensarem que vão deixar o Lula dentro daquele gabinete... meu maior prazer é ficar assim, no meio de vocês.

Eu acho que Deus, quando fez a gente, ele nos fez perfeitos, temos duas orelhas, uma para escutar vaias e outra para escutar aplausos. Isso não incomoda, sobretudo se os que estão vaiando são os que mais deveriam estar aplaudindo. Os que estão vaiando, Prefeito, posso garantir, são os que ganharam muito dinheiro neste País no meu governo. Aliás, a parte mais pobre é que deveria estar mais zangada, porque ela teve menos do que eles tiveram. É só ver quanto ganharam os banqueiros, é só ver quanto ganharam os empresários. E nós vamos continuar fazendo uma política sem discriminação, ninguém vai me ver de cara feia por isso. A única coisa que eu quero dizer, e todo mundo aqui sabe, é que com a democracia não se brinca, o que vem depois dela é sempre muito pior. E como já vivi o pior, eu, quando vejo gente criticar o Congresso Nacional, que o Congresso Nacional não faz isso, não faz aquilo, eu, com todos os defeitos que possa ter o Congresso Nacional, ponho as mãos para o céu todos os dias e agradeço a existência dele, porque sem ele este País seria muito pior.

Portanto, meus companheiros e companheiras, podem ficar certos de que ninguém vai ficar com saudades de ver o Lula nas ruas, porque as ruas

deste País, de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, eu irei visitá-las quase todas neste mandato e fazer muito mais coisas. E quero agradecer ali o entusiasmo da cabo eleitoral, da nossa querida Terezinha, porque com dois desses não há vaia que atrapalhe um ato público.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.